

IDENTIFICAÇÃO E IDENTIDADE NA CULTURA ATUAL(*)

José Remus Araico **

Tradução: Pêrsio O. Nogueira ***

SUPONHO QUE A PRINCIPAL FINALIDADE DE UM RELATÓRIO, QUE será lido antecipadamente e discutido durante o Congresso, seja a de motivar a discussão; por isto expressarei meus pontos de vista gerais, que incluem idéias que possam ser polêmicas, em um encontro frutífero de opiniões.

Não devemos duvidar que as instituições psicanalíticas, como todas as instituições com certa tradição e estabilidade, estão sofrendo crises de diversas índoles, e que os Psicanalistas, que as integramos, de alguma maneira estamos reagindo às rapidíssimas mudanças sociais dos meios nos quais estamos imersos. Acredito que é nas instituições e nos indivíduos, e não na teoria, onde está a crise, e, portanto, oxalá, da discussão das duas exposições do tema, saiam esclarecimentos de nossas posições frente a nossa praxis, como terapeutas, e posturas mais definidas (talvez coubesse aqui o resultado de identidade), como integrantes de uma elite

* Relatório Oficial Mexicano apresentado ao X Congresso Latino-Americano de Psicanálise, Rio de Janeiro, Julho de 1974 y publicado en la Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 8, pag. 477.

** Analista Didata da Asociación Psicoanalítica Mexicana.

*** Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

científica nas ciências da conduta.

Disse anteriormente que a teoria psicanalítica não está em crise. Afirmo, assim, porque cada tratamento psicanalítico que fazemos, seja em um paciente qualquer ou no enquadre um tanto particular da análise didática, assim como as interpretações e "predições" psicanalíticas que fazemos de um fenômeno social, nos confirmam repetidamente que continuam vigentes os paradigmas e princípios fundamentais de nossa teoria. Mencionarei somente os principais fundamentos do nosso edifício teórico: o inconsciente dinâmico, a importância das primeiras relações de objeto e do desenvolvimento nos primeiros anos infantis, o princípio da formação de sintomas que inclui o conceito das séries complementares, os elementos mais particulares implicados na teoria estrutural, e, sobretudo, o da autonomia relativa do Ego e do Superego. Estes princípios ou fundamentos estão incólumes, independentemente de pequenas variações intrascendentes em sua aplicação ou em seu alcance e sistematização. Alguns outros aspectos da nossa estrutura teórica podem ser mais discutíveis, tais como a teoria dos instintos ou os alcances dos mecanismos de defesas patológicas, ou dos processos de adaptação. Todavia, acredito que estas discussões não nos desagregam como grupo analítico, mesmo quando se dão os matizes de certas filiações ou fobias, mais locais que gerais, pelo que nossa identidade geral na teoria é vigente. Por exemplo o valor heurístico do conceito do instinto de morte, não nos separa fundamentalmente como integrantes de uma comunidade na teoria geral e no treinamento básico, mas, sim, pelo mundo em mudança em que vivemos, estas tensões podem nos afetar profundamente em nossa praxis, já que contemplamos a violência de mudanças nas quais participamos, embora pretendamos que não o fazemos. Eu creio que há muito tempo desmoronou a torre de nossa exclusividade como grupo, pois afortunadamente para o mundo moderno que está lutando para encontrar

os caminhos para criar uma nova civilização, os estudiosos da conduta apropriaram-se de nossos postulados, embora às vezes não os empreguem muito apropriadamente. Talvez, quando de nosso mundo psicanalítico saírem novas sínteses teóricas mais operantes e mais gerais, que incluam a relação indivíduo — sociedade, a psicanálise terá feito novamente outra grande contribuição para essa nova civilização.

Este trabalho não pode ser senão limitado e parcial por duas razões fundamentais. A primeira, porque creio que é tarefa de um grupo interdisciplinar esgotar ou estender-se em todas as interações entre a cultura, com suas instituições primárias e secundárias, e as vicissitudes de sua internalização, as identificações resultantes e as identidades, as quais por sua vez repercutem inexoravelmente na complexa estrutura sócio-cultural. A segunda razão da parcialidade deste trabalho, é que não tratarei de fazer uma resenha bibliográfica, pois prefiro aplicar meu esforço na expressão de minhas idéias tal como as elaborei até este momento.

Creio que é aqui o lugar de algumas definições explicativas. Quando não usar algum termo no sentido que definirei, tratarei de ampliá-lo ou apontar uma nova acepção. Considero como identificação, a um processo mental automático e inconsciente, por meio do qual um indivíduo chega a parecer-se a uma outra pessoa em um ou vários aspectos. É um acompanhante natural do desenvolvimento e amadurecimento mentais, e ajuda nos processos de aprendizagem, assim como na aquisição de interesses, ideais, valores, maneirismos etc. Os padrões de reação adaptativos e defensivos de um indivíduo, com freqüência são atribuídos à identificação com pessoas admiradas e amadas ou temidas. A separação de uma pessoa chega a ser mais tolerável como resultado da identificação com ela. Podemos considerar identificações totais ou parciais, o que implica nestas últimas que a mudança estrutural não é estável, nem duradoura ou de certa

permanência, e que, geralmente, cai dentro de uma situação con-flitiva pela contradição potencial com outras identificações parciais. Às vezes, estas são também chamadas pseudo-identificações. Se se considera este conceito ligado ao das catexias de objeto, a identificação seria o resultado da mudança de algumas das estruturas psíquicas: Ego, Superego e ideal do Ego, por ação de parte das catexias de objeto por vicissitudes com o mesmo, seja o abandono traumático, incluída a morte do objeto, seja outro tipo de relação intensa, seja pelos próprios processos de amadurecimento que levam o indivíduo a outro nível de relação, ainda com o mesmo objeto. Para muitos analistas, é indispensável que, para que ocorra a identificação, haja um grau de desenvolvimento do Ego maior do que a individualização, a fim de que se diferencie dos demais objetos do meio ambiente começando pela mãe e ele próprio. Requer-se que as catexias do Ego incipiente "viagem" através de dois caminhos até atingir dois destinos distintos, as catexias de objeto e as do self. Uma irão enriquecer o arcabouço complexo da identidade, (talvez devamos incluir as identificações parciais em vias de estabilidade), enquanto as outras estarão a serviço das representações de objeto cada vez mais numerosas. Por todo o anteriormente dito, é claro que as identificações sejam parciais ou totais, sejam identificações propriamente ditas ou pseudo-identificações, constituem o principal meio da espécie para a transmissão dos padrões e valores culturais, sendo também os "centros de controle" das diferentes possibilidades da conduta interpessoal de um indivíduo. Por exemplo, as duas identificações parciais contraditórias (ambivalentes) que uma criança efetua em suas etapas pré-edípica e edípica em relação ao pai, ao não neutralizar ou solucionar-se adequadamente, lhe deixarão um conflito potencial que se pode manifestar pelo estímulo dos problemas autoritários de um dado meio, seguindo o conceito das séries complementares, resultando atitudes e condutas de "protesto" durante a adolescência, que

podem também conter elementos progressivos e maturativos ao lado de outros elementos conflitivos neuróticos. Muitos analistas que minimizam a ação do meio externo, esquecem-se do inegável valor explicativo das séries complementares que me parecem outro dos fundamentos básicos da psicanálise. Aqui caberia um comentário um tanto crítico, o de que nós, psicanalistas, durante nossa prática privada com pacientes e candidatos, não damos todos o mesmo valor aos acontecimentos do meio ambiente, ou seja, o valor tanto como estímulo como de campo de ação da conduta. Mesmo quando em geral levamos em conta a realidade exterior, não temos critérios muito comuns quanto ao "timing" da interpretação desta realidade exterior. Caberia pensar se os institutos de psicanálise não estão menosprezando o adequado ensinamento teórico e clínico da autonomia do paciente e do analista. Mas o detalhamento desta controvérsia me afastaria neste momento das definições que desejo explicitar.

O conceito de identidade, pelo próprio processo de adquirila, é ainda mais explicativo para descrever e a sua definição é algo mais artificial. Um princípio da filosofia Zen diz mais ou menos o seguinte: "aquele que não conhece (integra) seu passado, vive angustiado no presente e não sabe aonde ir em seu futuro; aquele que conhece (integra) seu passado, vive seguro no presente e sabe por onde caminhar em seu futuro". Se as identificações deram ao indivíduo as bases de sua conduta, o sentido de sua identidade do Ego o prove de estabilidade no tempo, com certa indepedência dos fatores da realidade externa, e com a capacidade de enfrentar as viscissitudes da mesma. Aceito, como identidade, a experiência do Self ou de si mesmo (mismidade) como uma entidade coerente e única que é contínua e permanece a mesma, apesar das mudanças psíquicas internas e do meio ambiente externo. O sentido de identidade começa com a consciência da criança de que existe como um indivíduo em um mundo com objetos externos animados e inanimados, e que ele tem seus

próprios desejos, pensamentos, recordações e sua própria aparência particular. A identificação com ambos os pais dá uma qualidade bissexual a suas auto-representações, ou representações do Self, dando-se isto nas crianças de ambos os sexos. Não obstante, uma auto-representação integrada, ou auto-imagem, é criada com base nas múltiplas identificações e nas identificações parciais prévias que contribuíram para os traços de caráter, mas vai além delas, sendo já a resultante coerente das mesmas, com maior estabilidade e persistência estrutural. Com respeito à identidade sexual, esta auto-imagem representa comumente uma identificação dominante com o pai do mesmo sexo, integrando assim coerentemente os estímulos da maturação hormonal em cada etapa maturativa psicosexual. A estabilidade relativa do sentido de identidade do Ego, é alcançada com a solução das identificações parciais bissexuais, freqüentemente contraditórias, com o término da adolescência naquilo que se chama tão operativamente de crise de identidade. O sentido da identidade do Ego é a auto-imagem tal como é percebida pela própria pessoa, que compreende a consciência de alguns, embora não de todos, os sentimentos emocionais, as sensações físicas e os traços de caráter. No tratamento, sobretudo de adolescentes, os aspectos reprimidos da identidade são freqüentemente fonte de ansiedades contratransferenciais e de atitudes parciais do terapeuta que impede, assim, a maturação de seu paciente por querer impor seus próprios padrões do que deve ser a "saúde mental, a genitalidade e a adaptação social". As vezes se exige do adolescente em tratamento psicanalítico uma "postura madura" quando é precisamente a adolescência o momento da descoberta dos próprios materiais inconscientes da identidade que lutam por manifestarse, e que nem sempre devem ser julgados como "patológicos". Com certa oposição complementar ao conceito de identidade do Ego, o conceito de personalidade refere-se à soma das impressões percebidas pelos outros

acerca da aparência individual, as expressões afetivas, os modos de falar e a conduta em geral de uma pessoa. Um terapeuta pode "justificar-se" que, fazendo uso de um "diagnóstico de personalidade" de um adolescente, o havia "dirigido" em seu tratamento, quando o que acontecia era um momento crítico da identidade. O sentido da identidade do Ego, é a experiência de si mesmo como tendo continuidade e similitude, devendo-se isto especialmente ao desenvolvimento e autonomia da função de síntese do Ego. Somente com esta autonomia relativa, o indivíduo tem a distância ótima entre seus pontos de vista individuais, os ideais integrados em sua série de valores que dão sentido à sua vida, e os padrões ou normas de seu universo, distinguindo também as semelhanças e as contradições de seu in-grupo e dos ex-grupos que o rodeiam. É precisamente um adequado sentido da identidade do Ego, que permite ao indivíduo participar nas mudanças sociais, ao sintetizar adequadamente seu Ego as contradições entre ele menino, as de seu grupo e as dos grupos externos. Pode alcançar a periferia de seu grupo, com determinação e certa segurança, para criticar e mudar alguns dos padrões a seu alcance. Nos momentos de fracasso, ou debilitamento da capacidade de síntese do Ego, sobretudo na crise de identidade na adolescência, é quando aparece a necessidade de radicalizar-se violentamente em relação a um ou outro aspecto da realidade ambiental, como uma medida de emergência para recuperar essa função sintética, sem a qual se dispersa o sentimento de identidade do Ego. Se a individualização implica no abandono da unidade onipotente com a mãe, a difusão de identidade na adolescência traz consigo o aparecimento de todo o cortejo onipotente, tanto no sentido fantástico do "bem" como da perseguição do "mau". A integração especial, que é a identidade do Ego, é muito mais que a soma das identificações infantis, uma vez que é a experiência acumulada da capacidade do Ego para integrar a tais iden-

tificações com as vicissitudes da libido.¹

Pode-se definir uma cultura, como o resultado final das atitudes, idéias e condutas compartilhadas e transmitidas pelos membros de uma determinada sociedade, juntamente com os resultados materiais dessa cultura, isto é, as invenções, os métodos de investigação do ambiente, incluindo a outros humanos e o acúmulo dos objetos manufaturados. Pode-se definir uma instituição cultural, como qualquer modalidade de pensamento ou de conduta organizada, mantida por um grupo de indivíduos (ou por uma sociedade), que possa ser comunicada, que goze de aceitação geral ou que seja aplicada com certa continuidade por um subgrupo dominante e que o desvio da qual produza certa perturbação no indivíduo ou no grupo. Pode-se falar de conduta institucionalizada quando existe certa uniformidade e persistência na conduta de um grupo. As instituições sociais são os meios da continuidade social e constituem os instrumentos efetivos do "equilíbrio social". Uma cultura adquire sua conformação e caráter específicos graças à coerência e unidade de suas instituições. Desde Kardiner, Linton, Sprott e outros, considera-se útil, hoje em dia muito menos, a distinção das instituições sociais em primárias e secundárias. As instituições primárias seriam aquelas condutas organizadas, mantidas e transmitidas, que regulam a integração familiar, a maternidade, a fome, os impulsos instintivos sexuais, a criação de controles e derivativos de impulsos sexuais e sobretudo agressivos, as medidas de higiene infantil, a disciplina e as necessidades de prestígio e status. Todas estas instituições vão sendo internalizadas pela criança em

¹ As definições anteriores de identificação, identidade e sentido de identidade do Ego, estão baseadas em parte em: "A Glossary of Psychoanalytic Terms and Concepts", editado pela Associação Psicanalítica Americana, e sobretudo nas idéias e conceitos de E. H. Ericson, expressos em seus diferentes livros e artigos.

seus primeiros anos, sendo lógico considerar o enorme valor que têm as descobertas da psicanálise para as ciências sociais. Os primeiros autores que depois de Freud se interessaram mais amplamente em trabalhar interdisciplinarmente a psicanálise e as ciências sociais, consideravam útil o conceito de instituições secundárias da cultura. Consideraram as instituições primárias mais ligadas aos aspectos instintivos mais diretos do ser humano: fome, sexo, prestígio, status, agressão. As condutas, organizadas em instituições, que emergiam das reações dos indivíduos pela ação das instituições reguladoras primárias, chamamo-las instituições secundárias da cultura. Assim, consideraram como instituições secundárias as formas de governo, os métodos de ensino em todos os seus níveis, as religiões e o folclore. Se nos grupos ou sociedades primitivas, e relativamente distanciadas da ação intercultural de outros grupos, esta distinção era muito útil para os estudos de campo, hoje em dia sua consideração pode ser pouco operativa, pois o complexo ir e vir multidirecional dos estímulos e as respostas de alguns níveis ou outros de toda uma sociedade, como a chamada "nossa sociedade ocidental", impede o seguimento da pista e a direção da ação de uma dada instituição sobre os indivíduos. Além disso, hoje em dia, em Psicologia Social, considera-se muito mais importante a interação e o momento do aparecimento e extensão de uma conduta, do que o destino final da mesma, quer se trate de uma conduta individual ou grupai.

Por tudo isto, como disse antes, parece-me uma tarefa formidável e impossível para um só autor falar, assim com maiúsculas, da CULTURA ATUAL. Usando todo o anterior como uma desculpa, poderia ficar tentado aqui a largar este trabalho, declarando-me impotente para abranger o tema, mas acredito que, precisamente, nós psicanalistas podemos ver e seguir a pista de muitas instituições da cultura, tanto primárias como secundárias, sendo-nos úteis para esta tarefa os conceitos de identificação e

de identidade do Ego. Nosso enfoque teórico psicanalítico, seja em tratamentos clássicos ou outras variantes terapêuticas, nos permite contemplar, de um ângulo excepcional, os destinos das instituições culturais transformadas em identificações com os objetos da infância que as veicularam. Também no estudo das crises de identidade patológicas, ou nas novas sínteses do Ego durante os tratamentos, temos a oportunidade de contemplar os conflitos da sociedade atual, com as mudanças tão dramáticas como as que estão acontecendo. É verdade que este dramatismo existe em todo mundo, talvez como os sinais convulsos de uma nova civilização em gestação, mas é evidente que em nossa América Latina, que pertence social, econômica, cultural e psicologicamente, ao Terceiro Mundo em desenvolvimento, onde os perfis dramáticos nos atingem profundamente, nós, psicanalistas, pertencemos a uma elite de uma profissão liberal e nem sempre estamos no ponto de ebulição dos conflitos sociais. Depois falarei sobre a idéia das identificações massificantes que podem ser adquiridas durante o treinamento psicanalítico. Não renunciando, então, à tarefa deste trabalho, que pretende basicamente estimular a discussão, passarei a fazer algumas considerações do tema, recorrendo a alguns exemplos clínicos.

N., um adolescente de 18 anos, foi-me trazido, praticamente, por seus amigos da Universidade, que previamente me informaram que "tinham um companheiro que necessitava dos serviços de um psiquiatra porque estava distante, estranho, sem comer há vários dias, que falava pouco e repetia coisas sem sentido". Poucos dias antes, havia ocorrido o terrível massacre genocida conhecido tristemente como "A noite de Tlatelolco". Quando os amigos me pediram que entrevistasse N., imaginei que poderia tratar-se de alguém que estivera ali, tal como confirmei momentos depois. Todo México estava emocionado pelos acontecimentos, e o mundo universitário, ao qual pertenço, estava ainda mais. N. cursava o primeiro

ano de uma profissão técnica, tendo sido um aluno brilhante até os 16 anos, quando cursava o penúltimo ano da Escola Preparatória. Depois descreverei alguns detalhes do que pude reconstruir durante o breve tratamento de seu quadro agudo. Tratava-se de uma reação dissociativa aguda, que se iniciou na própria Praça das Três Culturas durante os fatos sangrentos. Aceitei imediatamente, pelo telefone, que o levassem à minha casa naquela mesma tarde. Pouco depois, chegou um pequeno grupo de estudantes, destacando-se N. pelo seu aspecto.

Encontrei-me com um rapaz moreno, de traços indígenas, delgado, desalinhado, de estatura regular, com o braço esquerdo em tipóia, facies emaciado, olhar perdido e fugidio, que contestava muito pouco, e lentamente, às minhas perguntas. Seu embotamento afetivo era praticamente total e com dificuldade consegui alguns dados do que lhe ocorrera em Tlatelolco. Logo começou a intercalar uma frase estereotipada "não pode ser..." "não pode ser." Nestes momentos parecia perplexo, como quem não podia entender algo que tinha fixo em seu pensamento. Mas quase imediatamente voltava a seu embotamento afetivo, relatando lenta e pesadamente acontecimentos assustadores com o mesmo tom de estranheza e distanciamento.

Seus amigos entrevistaram com certa liberdade nessa entrevista. Das respostas de N. e da informação de seu grupo, pude reconstruir algo do que lhe ocorreu nessa noite. Um de seus amigos tinha estado com ele até o princípio do massacre, quando escaparam e se separaram na escuridão, sob o fogo cruzado dos que os perseguiam. Ao começar o tiroteio sobre a massa compacta de estudantes que estava no comício, pôs-se a correr procurando o abrigo dos edifícios que circundam a Praça das Três Culturas. Na obscuridade e correndo presa de terror e confuso, um soldado o deteve alcançando-o com a baioneta nas costas, à

esquerda, causando-lhe uma ferida não penetrante no tórax, com lesão do grande dorsal. Já havia sido atendido, mas a dor da ferida e dos golpes, que lhe despertavam um rictus fugaz, obrigava-o a manter o braço na tipóia. Nessa primeira entrevista recordou somente fragmentos do que se passara, mas, quando seu bloqueio se rompeu, pude reconstruir, com ele, os acontecimentos dessa noite de pesadelos. Ao golpe da baioneta, caiu ao solo sendo pisado pelos soldados. Semiconsciente foi arrastado com outros feridos e mortos junto a um muro e umas escadas. O tiroteio estava em seu apogeu e logo sentiu que lhe lançavam vários corpos em cima, dos quais saía sangue em abundância que gotejava em seu rosto e corpo, confundindo-se com o seu. Desmaiava por curtos espaços de tempo e recuperava a consciência, que tinha cada vez mais o caráter de estranheza e distância. Ouvia disparos, insultos, vozes de comando, gritos, as lagartas dos tanques e as sirenas da polícia e das ambulâncias. Caiu assim num estupor dissociado e permaneceu imóvel e calado. Depois de algumas horas com a cena mais calma, num esforço sobre-humano para conservar a vida, pôde por-se em pé, empurrando os mortos que estavam sobre ele. Caminhou rente a um muro e subornando com seu relógio uma das sentine-las do cordão militar, que se compadeceu dele, conseguiu fugir. Nunca pôde lembrar-se de como chegou em sua casa, onde foi curada sua ferida, mais aparatosa do que grave. Esteve durante dias quase catatônico em um mutismo absoluto do qual saiu dizendo "não pode ser. . . não pode ser. . .". Terminei essa entrevista encaminhando-o ao meu consultório no dia seguinte, depois do meu trabalho regular, para uma sessão tão prolongada quanto o necessário e precrevi-lhe para essa noite um forte hipnótico. Os elementos traumáticos já começavam a organizar-se e deu-me a impressão que a vigília aumentava a dissociação.

No dia seguinte tivemos a primeira sessão. A sós, em meu consultório,

com o mesmo padrão de respostas breves e distantes a minhas perguntas incisivas, optei por permanecer na expectativa em silenciosa observação. Ele se afundou, então, num mutismo quase absoluto com indiferença total e facies inexpressivo, que somente era interrompido por sua frase monologal de "não pode ser... não pode ser...". Tendo se passado um grande espaço de tempo, decidi romper ativamente esta situação e em tom duro e autoritário disse-lhe algo assim: Já estou cansado da falta de cooperação, não entendo isso de "não pode ser", bem sabias quando foste ao comício que poderia surgir repressão violenta. . .". Depois de uma breve pausa, como para alçar vôo, com o rosto descomposto, irromperam no consultório dramaticamente todos os seus afetos dissociados. Com uma saraivada de insultos contra mim, abriu-se amplamente sua comunicação. "Você não sabe tudo o que sofremos. . . ver os amigos caírem. . . as rajadas dos tanques contra nós, sem armas. . . com as traçadoras sobre nossas cabeças iluminando a Praça... quando se vem de tão longe e se tem fome de tudo... de comida, de prestígio, de cultura, de informação... se quer gritar e que se faça justiça... se não somos todos iguais, se devemos ter todos as mesmas oportunidades, mas os que exploram não querem soltar sua presa. . . você deve ser um deles, tendo este consultório de rico, embora eu saiba que é professor da Universidade... não sei para que estou aqui. . . nem em nenhum outro lado. . . não sei se quero viver. . .

"Vejo-me repetidamente cheio de sangue da minha gente. . . você não sabe o que é isso. . . o sangue deles deveria cair sobre aqueles que nos mataram. . . não sei para que estou aqui. . . em momentos, não é nada, não sei nem quem sou nem se estou vivo. . . quando estava com os mortos por cima de mim perdia pouco a pouco a sensação de meu corpo, mas ouvia muito distante o desmame próximo de mim. . . voltava a mim e tinha muito medo e muita raiva. . . mas você não entende isso,

etc. . .".

Eu estava atemorizado e profundamente atingido pelo seu relato. O clima da cidade depois do massacre era muito complexo, mas no ambiente universitário imperava a indignação. Sentia-me transportado pelo seu relato traumático ao próprio local da tragédia. Sem interrompê-lo, deixei por mais de uma hora que fluísse sua cólera, seu pranto, seu medo, a recordação de seus amigos, dos quais não tinha querido saber com seu silêncio. Havia se refugiado na dissociação psicótica para salvar sua vida, e para manter um precário equilíbrio psíquico. Caminhava, aproximava-se de mim suplicante ou ameaçador, oscilava de perseguido e atacante, acusava-me de diversas coisas, ou sentava-se na poltrona em frente a mim, abatido, entre soluços, como uma criança pequena. Às vezes, interrompia-o brevemente com alguma pergunta, para situá-lo mais no contexto catártico, ou lhe insinuava algum elemento da realidade quando o observava profundamente angustiado. Quando estava confiante e apoiado em mim, senti que descansei e que ele e eu víamos a luz do outro extremo do túnel de sua psicose aguda. Mesmo quando em seu relato se infiltravam elementos tão fantásticos que me pareciam delírio, ao referir-se às atrocidades da polícia e da tropa, por outros novos elementos de seu contexto associativo era incontestável que não delirava, mas que havia participado do lado do indefeso, numa psicose coletiva de ódio, perseguição e violência. Depois de pouco mais de três horas dessa primeira sessão, continuei vendo-o diariamente por algumas semanas e pude observar os sentimentos e o material associativo da difusão traumática da identidade do Ego, da despersonalização e da desrealização. Mas pude também acompanhá-lo numa rapidíssima integração da identidade e do sentido da realidade.

Conforme corriam as horas e as sessões, diminuía rapidamente as projeções persecutórias e cada vez mais eu operava como auxiliar de sua

função sintética. Nesses momentos começou a emergir material associativo histórico, que ao lhe ser relacionado com o presente, era rapidamente integrado, melhorando rapidamente seu ajuste à realidade. As funções intelectuais a serviço do Ego, que reintegravam a identidade em uma nova síntese, absorviam avidamente as interpretações genéticas que relacionavam seu passado infantil com seu ajuste prévio aos acontecimentos de julho a outubro de 1968. N. confirmava esta reintegração do Ego com novas recordações, ou com retificações precisas às minhas interpretações. Sentia que me conduzia pela mão, nesta rápida reconstrução histórica de sua vida. Depois de certos momentos muito integradores, permanecia em silêncio pensativo ou chorava "como um homem" por todo o passado, incluindo seu trauma, que o estava transformando por tão alto preço. Durante os momentos reflexivos podia julgar sobre a realidade política com mais objetividade.

Nunca tomei notas durante as sessões, reconstruía depois algumas associações e reflexões sobre seu funcionamento mental e o progresso da terapia. Quando N. decidiu suspender o tratamento, ao fim de poucas semanas, me dei conta que nunca soubera seu sobrenome, seu domicílio, tampouco seu grupo de amigos voltou a me visitar. Em certas ocasiões, um ou dois deles o acompanhavam, e cuidavam, até o meu consultório, pois a princípio, apesar da intensa catarse, saía ainda confuso ou distante. Creio que tudo isto representou um mútuo acordo silencioso de anonimato como proteção, devido às circunstâncias de perseguição em que começou o tratamento, já que a alegria dos Jogos Olímpicos mascarava maniacamente que o México estava de luto.

Falou-se, com razão, que o México depois de Tlatelolco é outro México. Não acontecem em vão os lutos dos indivíduos e dos grupos humanos, pois nesse processo, as catexias de objeto e as do Self sofrem

mudanças importantes. A síntese vivencial do indivíduo, como tendo continuidade e similitude interrompe-se, porque o tempo real e os acontecimentos externos se quebraram, e tudo torna a reacomodar-se como os estratos geológicos depois de um terremoto. No transcurso de poucas sessões, podia seguir o fio da transformação de seu ódio e terror. Depois de uma explosão violenta de ódio, surgia a necessidade de reter dentro de si um "rancor recordatório", valha como significado a expressão da redundância, para que na vingança sua vida tivesse um novo sentido. Ou seja, que os desejos de vingança estavam a serviço da integração emergente do Ego. Nestas ocorrências de violência e sadismo de uns indivíduos sobre outros tão freqüentes e numerosos, seguramente se criam e alimentam identificações vingativas que nem sempre podem ser elaboradas. Talvez essas identificações estariam entre as principais da lista de nosso tema. As identificações vingativas são criadas em diversas circunstâncias, mas sempre requerem uma quantidade importante de catexias para manter-se operantes, limitando assim a criatividade do indivíduo. Em outras circunstâncias, as identificações vingativas alimentarão vocações por profissões que requeiram a descarga sistemática regular de sadismo.

A um paciente nessas condições e nesses momentos, creio que é contra-indicado levá-lo a uma "situação depressiva", pois está nela por força das circunstâncias. Outro enfoque técnico não reconstrutivo parece-me um posição equivocada, usando a teoria e a técnica analítica como pretexto, pois impediria a nova identidade que está emergindo. Ainda quando N. pudera submeter-se a um tratamento analítico, clássico, ou "mais profundo", eu teria optado por algo como o que fiz, talvez menos apressado e um pouco mais prolongado. Como todo habitante da Cidade do México, ainda mais como universitário, estava emocionado com os acontecimentos, que culminaram com a Noite de Tlatelolco.

Era-me difícil manter a autonomia necessária para meu trabalho com N. e saía das sessões com muito da sua própria problemática. Acreditei, e continuo acreditando, que um paciente tem direito a seu ódio e a sentir intensos desejos de vingança e que N., ao expressá-los, podia ir integrando e transformando esses afetos tão intensos, tal como aconteceu. A indagação sobre o destino ulterior desse rancor ainda está vigente, não somente em N., mas em qualquer jovem, de qualquer época e de qualquer latitude, sob as mesmas circunstâncias. Nós, os analistas, sabemos muito bem sobre a dinâmica da identificação com o agressor. Talvez alguns desses jovens atuarão depois violentamente em política ou na vida quotidiana e não darão sossego ao opositor a quem verão como um inimigo irreconciliável. Em outros, como creio é o caso de N., os salvam a força e estabilidade de algumas identificações com os pais e com os amigos desses momentos difíceis. Em N., pouco a pouco, seu ódio intenso foi cedendo ao rancor, como um afeto mais elaborado, daí passou ao interesse político mais de acordo com as circunstâncias e com suas possibilidades. Sua identidade política e seu interesse pela mudança social mais justa, adquiria perfis menos utópicos para sua idade e seu momento histórico.

N. era o segundo dos dois irmãos homens de uma família provinciana; seguiam-no duas irmãs e um irmão pequeno. Nasceu em uma pequena cidade semi-rural e viveu clinicamente integrado até os 14 anos, ao terminar sua escola secundária em sua localidade. Foi um estudante brilhante, adaptado aos valores tradicionais de seu lar, sem questionar mais profundamente a religião e a maneira de viver de seus pais. Iniciou-se sexualmente como um jovem comum de seu meio, com prostitutas e empregadas. O pai era um dos sócios de um comércio estável e importante da localidade, que se mostrava como um exemplo frente aos filhos, falando-lhes de sua infância no campo, de pobreza e

exploração. A bondade do sistema patronal que coube ao pai, permitiu-lhe progredir até poder instalar-se na pequena cidade onde constituiu família e um negócio próspero. Sem dúvida, o que contava seu pai dessa época sobre justiça social, não concordava com seu caráter arbitrário e com o esbanjamento que fazia em suas farras, e N. tinha uma dupla identificação contraditória com ele. Seu pai chegou a pôr em perigo a estabilidade familiar e do negócio, ao tomar emprestado grandes quantidades de dinheiro, como antecipação de ganhos, para com ele jogar ou gastar em bebedeiras e alardes machistas autoritários. Sua mãe era uma mulher "tradicional dedicada ao lar". Com esta frase resumia as atitudes submissas e geradoras de culpa da mãe, de quem recebeu cada vez mais um tratamento preferencial em relação a seus irmãos. O irmão maior era por sua vez o favorito do pai, a quem ajudava de boa vontade nos afazeres do negócio e era quem tolerava e encobria as folias do pai. Quando a crise tornou-se menos violenta, contou aspectos de sua mãe que não havia valorizado. Não era somente uma mulher submissa e sofrida que exigia respeito tradicional e inapelável à autoridade paterna mas que na, ausência deste, também mostrava uma inteligência pouco comum para resolver situações complexas de familiares e amigos que solicitavam seu conselho. A mãe mostrava em determinadas ocasiões um franco humor provinciano, cheio de anedotas e provérbios populares bem empregados, como os códigos nos escritos de uma comunidade. N. também, como muitos adolescentes, tinha uma identificação contraditória com a mulher. Sua problemática edípica apenas mostrou-se em sua infância e puberdade, como um oposicionismo discreto para ajudar o pai nas tarefas do negócio, preferindo estudar, ler ou passear. Seus dotes intelectuais eram elevados e os empregava, em identificação com a mãe, para resolver as pequenas contradições que

sentia no lar. Até a escola secundária foi um estudante brilhante e um líder de boa conduta. Nunca se havia interessado pela política, mesmo quando lia avidamente livros de história.

Seu irmão maior, ao terminar o secundário, optou por trabalhar no negócio familiar, substituindo, em ocasiões, ao pai na confiança do sócio, e começou a gozar de dinheiro e Diberda-de que N. não tinha. Fundamentando sua petição em suas boas qualificações, N. solicitou que lhe deixassem continuar os estudos, tendo que ir para alguma cidade com escola Preparatória. Decidiu-se que iria para a cidade do México, para onde foi enviado com uma modestíssima mensalidade, que lhe permitia apenas viver, e bastante mal, abaixo das possibilidades reais da "família", submetendo-se assim às exigências de frugalidade e sofrimentos do passado do pai. Assim, chegou a uma modesta casa de hóspedes, perto da Cidade Universitária. N. tinha a coloração "indiana" do pai, pelo que sempre se havia aborrecido, que o chamassem carinhosamente "Preto". Tinha o porte e as feições da mãe, e dela tolerava e até lhe agradava esta alcunha. Seu conflito edípico era latente e com esta bagagem de identificações contraditórias, partiu para a grande cidade, repetindo assim a emigração do pai do campo para sua pequena cidade natal semi-rural.

Ingressou numa Escola Preparatória Nacional da Universidade, e após uma adaptação difícil, conseguiu passar de ano com médias apenas regulares. Em 1968 cursava o primeiro ano de uma carreira técnica, na qual cumpria apenas com o programa. Tivera relações afetivas e sexuais com várias mulheres de sua idade e mesmo mais velhas, "muito mais experientes" que ele, e relacionou-se facilmente com amigos e colegas que compensavam a distância afetiva que tivera com seu irmão. Encontrou-se num processo de transculturação, com um mundo novo, fascinante, com valores distintos dos da sua província. O¹ cinema moderno, as festas e farras estudantis e as discussões políticas permitiram-lhe externar

suas imagens infantis, agudizando-se assim a contradição interna de suas identificações parciais não sintetizadas. Como milhares de estudantes que emigram para a cidade grande, vindos da província de estrutura camponesa, N. largou o interesse compulsivo pelo estudo em favor da curiosidade exploradora deste mundo urbano que lhe oferecia outras possibilidades. Em suas férias, quando regressava à sua pequena cidade provinciana, vivia sua família dividida em duas partes: a forte e de "governo" representada por seu pai, e o irmão maior, e a débil e submetida, formada por sua mãe, as duas irmãs e o irmãozinho. Ele se sentia no papel do emigrado que "contemplava a injustiça do seu lar", e começou a aparecer um ideal heróico de mudança social. Quando retornou aos estudos na Preparatória, não tinha vontade de retornar nas férias seguintes. Julgava duramente a conduta de seu pai, embora admirasse secretamente seu passado agrário, reprovando-o por ter abandonado essa postura ao tornar-se comerciante. Com todas essas contradições já em efervescência, ingressou no primeiro ano profissional.

Ao iniciar-se o malfado movimento estudantil, em julho de 1968, por sua inteligência e facilidade verbal, misturou-se com entusiasmo nas brigadas "que conscientizavam as massas em comícios relâmpagos nas saídas das fábricas e nos mercados populares". A recordação do seu apelido infantil de "Preto", começou secretamente a agradá-lo. Durante estas breves tarefas políticas que lhe encomendavam, sentia um fervor apaixonado em falar a pessoas do povo, homens e mulheres morenos e indianos como eles. Desafiava, assim, a autoridade de "um governo paternalista", num intento de sintetizar as contradições de suas identificações. Suas amigas e amigos ofereceram-lhe um marco familiar distinto do seu grupo infantil; deslocou-se, com seu trabalho político, para a periferia de seu grupo primário, para, desta forma, universalizar sua identificação através da luta de classes. A cor indiana do pai foi então valorizada como

um traço distintivo positivo de seu novo grupo, mas multiplicado nas faces dos trabalhadores e locatários dos mercados. Com a horizontalidade justiceira do novo diálogo, como líder de outros "pretos", tentava retificar a verticalidade que sentiu injusta na relação com o pai. A História da Revolução Mexicana, que havia lido tantas vezes ultimamente, se fez o cerne das suas tarefas de poli-tização popular, integrando-se assim à sua identidade. No cri-sol da mesma e com o fogo do conflito social que estourou, começaram a se fundir suas contradições; esvaizando-se no molde da radicalização, para assim tentar um novo nível de integração. O produto e o próprio molde desse primeiro ensaio de sua identidade do Ego, quebraram-se dramaticamente na Noite de Tlate-lolco. A terapia ajudou-o a escolher os materiais do novo molde para outro ensaio de identidade, e até onde pude seguHo, sua reconstrução fez-se em suas bases, não só por minha intervenção, mas pela solidez das identificações infantis.

Caberia, aqui, uma generalização. Como uma extensão analógica do conceito de "acting-out", podemos pensar que os momentos agudos e violentos dos conflitos sociais se prestam como uma tela facilitadora para a projeção dos núcleos mais dissociados de um indivíduo. Mas, também, nesses mesmos momentos agudos, descobrem-se, em ocasiões, os únicos caminhos nos quais se podem expressar algumas identificações parciais, que se aglutinarão e se cimentarão com outras identificações potencialmente menos conflitivas, que organizam e comandam catexias menos primitivas, mais neutralizadas e sublimadas. Se, por sua identificação agrarista com o pai, esteve no Comício de Tlate-lolco, pela identificação inteligente com a mãe, resolveu, mediante a dissociação defensiva, o problema de sua sobrevivência. Em sua terapia sempre lutou para que se aglutinassem estes dois núcleos, com a idéia de ser um "melhor agrarista". Talvez fosse interessante refletir um pouco mais, o que farei depois, sobre a dissociação potencial conservadora-liberal, que

existe tão marcadamente em nossa cultura. Nós, os analistas, por mais analisados que estejamos, podemos julgar uma determinada conduta social que nos angustia como conservadora ou liberal, se ultrapassa o limite do que toleramos, por nossa própria dupla posição. O juízo de valor, que podemos esconder dentro do texto de uma preciosa interpretação, em determinadas ocasiões carrega a função inconsciente de acalmar nossa angústia contratransferencial desencadeada pelas associações emotivas do paciente. Podemos julgar "patológica", uma conduta "liberal" que nos angustia e de "saudável" uma conduta "conservadora" que nos protege, ou vice-versa. Por essa razão, preferiria que se usasse cada vez mais, para os chamados "núcleos psicóticos", um conceito menos valorativo como é o dos "núcleos primitivos", posto que dá somente ênfase ao fator tempo e não ao destino ulterior de desenvolvimento. Para mim, as psicoses clínicas necessariamente requerem a persistência e proeminência destes núcleos primitivos, mas não são só a expressão deles. Quando, com um preconceito teórico, se pretende levar um paciente, sobretudo, um adolescente, à sua "mais profunda situação depressiva para a verdadeira reparação", talvez o analista esteja usando uma antiga e dissociada fantasia messiânica que pretende que, "nessa situação depressiva básica", o ser humano estará isento de potenciais surtos psicóticos. Eu acredito que seja uma questão de grau e "timing". Por sorte, isto se passa cada vez menos, mas se empregado sem discriminação clínica, é possível que só se origine um deprimido a mais, esmagado pelo peso de seu "instinto de morte", com uma nova versão do pecado original cristão. Prefiro pensar que a atitude de respeito não valorativo das condutas sociais de um paciente, sobretudo nos momentos de máxima tensão e ainda de periculosidade, ajuda mais que a explicitação de uma tomada de atitude valorativa. Se o analista se vê forçado a expressá-la, o esclarecimento

breve e definido de uma tomada de partido é mais honesta, pois a honestidade consigo mesmo e com o paciente cria o respeito necessário, que substitui de momento a regra de abstinência de informação, conservando-se assim a autonomia de ambos e permitindo a continuidade da aliança terapêutica. Tudo isto me distanciou do último fragmento do histórico de N., ao qual volto.

Apenas libertada sua afetividade na primeira sessão, N. mostrou-me o sentido e função do seu monótono "não pode ser. . . não pode ser..." gritou-me: "não pode ser que soldados tão pretos e índios como eu e como muitos dos estudantes e camponeses do comício, nos tivessem massacrado, humilhado e caçado com as metralhadoras como o fizeram. . . não podia ser que os mesmos rostos dos que conscientizávamos estavam nos matando, haviam se rebaixado tanto a ser servidores de outros, que nos matavam sem piedade..." Cheio de afeto, começou a chorar e recordou que fora também um soldado de rosto indígena, o que se deixara subornar com o relógio, apiedando-se dele ao vê-lo manchado de sangue e deixando-o escapar do cerco militar. Precisamente, um fator de máxima contradição lhe servira como salvavidas e ancoragem durante a tormenta que se seguiu à sua fuga da Praça das Três Culturas. O estado de perplexidade, que era o único que se filtrava da dissociação afetiva, foi substituído pela cólera e depois pelo pranto na confusão de seu "não pode ser..." agarrava-se precariamente à realidade, que tentava decifrar. Nunca, até então, havia sentido a potencialidade, que tentava decifrar. Nunca, até então, havia sentido a potencialidade da morte. Até onde expressou, em suas recordações, nunca fora maltratado e humilhado violenta e fisicamente, por isso em sua atividade política não mediu a realidade do perigo nem o atoleiro mortal, que foi o comício trágico. Estou seguro de que saiu menos romântico desta crise, e suspendeu seu tratamento num certo

humor depressivo e cauteloso, mais seguro do que queria fazer de sua vida. Ele acreditava ter estado "jogando um jogo limpo", onde a violência e a sanha extremas não teriam lugar. Se entrou no movimento estudantil como um adolescente, despediu-se de mim, com gratidão, em meu consultório, um jovem homem. Com a cautela necessária, pois estava ainda recente em suas costas a cicatriz da ferida, vigiava a existência de "baionetas" de todas as classes ocultas, atrás dos mesmos rostos indianos. O ser havia começado a substituir o "ser preto". As identificações mais sólidas e estáveis de seu grupo infantil, reforçadas por algumas relações de seu grupo estudantil, integraram-se cada vez mais estavelmente, em um novo sentido de identidade do Ego, onde coexistiam, em harmonia, o núcleo agrarista do pai e a inteligência e sabedoria da mãe. Se me restá a dúvida do destino das identificações, que se reforçaram em milhares de jovens que estiveram no movimento estudantil e nos diversos momentos de violência, em N. não restou dúvida de que se reforçou um sentido de justiça dentro de um liberalismo mais viável. Ser um homem íntegro consigo mesmo e com seus valores começava a ser a essência de sua identidade. Com referência a outros afetos e atitudes, como a presença suspeitosa, nada mais posso dizer, pois situando-me onde queria deixar-me, despediu-se de mim não me chamando de doutor, como o fizera durante o tratamento, mas mestre, situando-me assim em nosso âmbito comum universitário. Foi descansar em seu lugar de origem, para regressar à sua Faculdade ao reabrir-se a Universidade. Suspeito que, posto a andar o novo processo de sua identidade, ia ao reencontro material e concreto de suas origens. Talvez, no seio de seu lar, com os processos internos maturativos em continuidade, encontraria o molde mais operante para sua identidade geral e política. A calma de sua pequena cidade natal poderia servir-lhe de moradia, após a tormenta.

Saltam à vista algumas generalizações em torno deste caso. Em primeiro lugar, em nossa cultura, e sobretudo nas áreas de encontro das sociedades ricas e pobres, a violência extrema de ambos os lados. A persistência e a força destes lados são cada vez maiores, porque a fome e a injustiça crescem. Portanto, as identificações com agressores e suas vicissitudes devem estar entre as primeiras da lista de nosso tema. Se contemplamos jovens como N., através de análise, terapias dinâmicas, em nossas relações sociais, como professores ou como simples pais de família, encontramos um fato inegável: que os impulsos instintivos agressivos e sexuais são muito mais abertos e se expressam mais facilmente. Caberia perguntar se isto é somente um vaivém passageiro do movimento pendular adaptativo da cultura mais reprimida do princípio do século, ou se se trata de um tipo* de repressão particular, ou se tudo isso já está conformando um novo estilo de vida, que tenha que provocar novos ajustes nas identificações, para que se possam tolerar gradientes tão altos de expressões instintivas primitivas. Não esqueçamos que o modelo básico da formação de sintomas, que os considera como produtos transicionais do desrecalcamento de elementos inconscientes de um complexo, pode seguir ainda vigente se alteramos algo no sentido estrito do término da desrepressão. Hoje em dia, pode-se sentir o desejo de que muitas condutas sociais, que nos ameaçam, caiam sob uma nova repressão e organização. Esta linha me levaria longe na discussão de algumas idéias de Filosofia Social e de Política.

Se podemos considerar as identificações como "centros de comando" de atitudes e condutas, necessariamente elas contêm os limites de descarga, ou seja, aquelas estruturas que regulam o fluxo instintivo. N. havia contemplado, como toda criança de nossa cultura rural, pelo menos no México, a violência, mas nunca a sofrerá de forma direta, daí que sua

vivência traumática de sangue e morte lhe deixou, seguramente, uma seqüela transcendente. Caberia, também, perguntar sobre a influência desta observação participante infantil, para seus objetivos políticos adolescentes. A explicação de que se expôs à violência buscando a castração de seu conflito edípico interno e infantil, que recrudescera na adolescência pelo processo de transculturação, seria uma explicação válida, porém, parcial e sintética. No que entendemos por conflito edípico, supostamente estavam as identificações que explodiram, umas desintegrantes, outras protetoras e outras reparadoras. Mas, também, estavam as características de sua cultura rural que entraram em conflito com as da cultura urbana, quando da sua emigração interna. Seus núcleos de identificação "liberais" e "conservadores" eram evidentes. Seu irmão maior seguiu linhas conservadoras, enquanto, ele, com os estímulos e pressões adaptativas da cidade grande, reviveu antigos ideais liberais da luta de classes de seu pai, dando um salto geracional atrás, o que contribuiu para seu ingresso no movimento estudantil. Desejava renovar a cidade com os valores agraristas, que certa vez seu pai preconizara como efetivos, mas com mais fervor do que ele. Se isto o levou à confrontação traumática com a sanha fratricida, forçou-o a uma nova tentativa de identidade do Ego.

Quando se "emigra", entendendo-se o termo no sentido estrito, figurado e amplo, para, por exemplo, treino analítico, de um lugar pequeno a um maior, de uma classe a outra, de um país a outro, despertam-se não só as contradições internas próprias do processo terapêutico, mas também surge a contradição, muitas vezes criativa, outras vezes desintegrante, com os valores da comunidade analítica em questão, incluída, a pertinência de classe. Nós, psicanalistas, somos uma elite de uma profissão liberal, o que implica nossa inclusão em um estrato sócio-econômico poderoso. A tendência dos psicanalistas de dirigirem-se ao social parece-me reparativa de um descuido geral pelas pressões e violências

sobre os mais afetados nas mudanças sociais. Ao "emigrar", afasta-se do núcleo de seu grupo, que é vivenciado como "conservador" pelo integrativo. Mediante a "rebeldia e o liberalismo" que leva o indivíduo aos ex-grupos vizinhos, coloca-o em primeiro lugar, na periferia de seu próprio grupo, correndo, assim, o perigo de ser bode expiatório ou ser considerado como traidor, e é então, que são postas à prova as identificações contidas em sua identidade. Se esta ainda não é estável e plástica, pode-se lançar mão de identificações emergentes para o processo adaptativo da "emigração" ou para mascarar a massificação. Seria interessante o estudo sociológico das sociedades e institutos psicanalíticos para desvendar este fenômeno de massificação, com a corte de culpa, posições e valores instáveis, que oferecem um clima propício para a criação de identificações profissionais, que mantém esta mesma massificação, como a mudança de função que se observa nos traços de caráter. Depois de tudo, a fascinação pelos bens da sociedade de consumo é tremenda, pois pode levar a ilusões, ou à realidade, da compensação de velhas carências. Porém tudo isto constitui a mecânica da transculturação e da interpenetração cultural, sendo um filão apenas tocado pelos psicanalistas. Se deixou esta área aos psicólogos behavioristas e experimentalistas, quando a teoria analítica, com seus paradigmas fundamentais, tem muito mais a oferecer como ferramenta teórica para o estudo da mudança social. Meus dois seminários na Universidade, "Personalidade e Mudança Social" e "Patologia Social sob o ponto de vista Psicanalítico", me entusiasmarão quanto a esta possibilidade teórica.

Talvez valha a pena expressar algumas idéias sobre a subcultura hippie, que me ajudem a definir e esclarecer algumas outras identificações de nossa "grande cultura atual ocidental".

Nossa cultura está muito longe de ser uniforme e afóra os traços culturais distintivos de países e regiões, mais patentes, sobretudo no folclore, os sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais distinguem subculturas claramente imersas na cultura geral. Isto quer dizer que estas subculturas têm instituições primárias e secundárias parecidas ou idênticas à cultura geral, mas outras instituições se modificaram transitória ou permanentemente, o que as fazem distintas. A vantagem de focalizar alguns traços destas subculturas é que nos mostram de maneira exagerada alguns elementos, menos contrastados, ou mais mascarados na cultura ampla. Devido a este contraste, este tipo de estudo é útil, da mesma forma que a investigação de campo das culturas chamadas primitivas já o foi no passado. Hoje em dia, o estudo psicanalítico destas últimas nos permite certas generalizações sobre as relações precoces de objeto e outras mais, e em troca, o estudo das subculturas nos permite focalizar ao vivo o próprio processo da mudança social. A expressão exagerada e não "equilibrada" de algumas características de conduta e a extinção e nascimento das instituições, nos dão alguns elementos da relação entre as identificações existentes e a cultura geral abandonada em uma "emigração" até uma dada subcultura.

Um dos traços distintivos da subcultura hippie é a mudança dos padrões sexuais. Não existe o que nós analistas tendemos a integrar como genitalidade. Na praia de Cipolite, em Puerto Angel, sobre o Pacífico, várias vezes por ano, em ocasiões específicas, reúne-se uma grande quantidade de hippies mexicanos e estrangeiros de vários continentes. Homens e mulheres adolescentes, e jovens desnudos, com o olhar parado e de face voltada para o sol poente, na postura yoga de lotus, intoxicados com marijuana e peyote, ou alcoolizados, procuram regressiva e magicamente a fusão com núcleos muito primitivos e precoces de seu desenvolvimento que contém também elementos com

uma tendência integrativa, que, obviamente, é difícil de ser alcançada. Suas relações sexuais são escassas e pré-genitais, apesar do preconceito de "desenfreados" como são às vezes, considerados. Ao contrário de um voyeurismo-exibicionismo pré-genital, pré-edípi-co, de sua nudez, despojam-se de suas roupas num retorno mágico simples à mãe terra primitiva e ao mar. A ternura, quando aparece, é do tipo infantil. A gratidão e lealdade existem, mas não são aglutinantes poderosos de um in-grupo. Nesta praia vários se afogam em cada encontro, sem proteção e sem conhecimento dos companheiros. A coerência de grupo, como sua identidade, está dispersa. Não creio que se necessite de uma ampla descrição desta subcultura hippie, mas para mim, são dignos de nota dois componentes psicodinâmicos: a existência de "núcleos precoces autistas e simbióticos e a "decisão" de sua "emigração hippie" devido à dispersão de uma instável identidade do Ego, ou pela impossibilidade de alcançar este nível do desenvolvimento psico-sócio-sexual. Sabemos de púberes e adolescentes que se tornaram hippies, em cuja história existe um passado de abundância de bens materiais, mas com uma grande carência afetiva, sobretudo por parte da mãe.

Em determinados casos, tratava-se de uma mãe simbiótica que nunca permitiu a individualização. Bem sabemos que os processos complexos de individualização, que restringem o sentido de onipotência, requerem a criação prévia de uma mutualidade simbiótica, que através de sucessivas e rápidas mudanças de função, facilitam a individualização, e, depois, a autonomia relativa do Ego e do Superego. É patética e reiterativa a busca, nesta subcultura hippie da "mãe e pai primordiais". As modificações das instituições da família e da religião mostram evidentemente a proeminência de identificações muito precoces com coisas. A atitude coisificante, simbiotizante de muitos pais e mães de adolescentes, que escaparam para o "movimento hippie", os leva a contra-identificar-se com as

coisas e bens de consumo que não foram oferecidos com amor estruturante. Autisticamente identificam-se muito regressivamente com as drogas mágicas e "boas". A seqüência da relação de objeto, desde a relação diádica à tríade e à multidirecional, característica das comunidades rurais e urbanas de nossa cultura, não se conservam na subcultura hippie. O reaparecimento de uma espécie de tribo comunal, não parece facilitar uma progressão. Sem dúvida, acredito como muitos sociólogos e antropólogos, que também aponte debilmente a uma volta a formas mais simples de organização social e que agite a alienação da sociedade de consumo da cultura urbana.

Algumas destas características de cultura hippie acham-se na mesma cultura urbana, que lhe deu origem, porém, às vezes, sutilmente mascarada. A coisificação está presente e é fácil de distinguir, mas a promiscuidade comunal se observa sobretudo no fenômeno do "swinging", ou intercâmbio do par sexual, do "jet set". Teríamos que acrescentar, à lista de identificações de nossa cultura, as identificações autistas e simbióticas. Segundo as definições apontadas no princípio, haveria uma contradição, pois as expressões da conduta hippie demonstram que há falhas importantes dos processos de individualização e, portanto, não caberia empregar o termo de identificação. Poder-se-ia pensar que se trata mais de identificações com objetos parciais ou identificações parciais. Na conduta geral dentro do marco da cultura hippie, entretanto, cada adolescente mostra os traços dominantes dos objetos mágicos "bons", que aceita e dos objetos "maus", que despreza. Poder-se-ia pensar que o movimento hippie é o arremedo de uma moratória que submerge o adolescente numa regressão estrutural e formal, sem as características da moratória "verdadeira", que conduz o adolescente à obtenção de sua identidade, através da regressão parcial, a serviço do Ego, à mutualidade nutriente com os núcleos de identificação do ideal do Ego. Não é a

mesma coisa vigiar as armas quando se vai tornar-se cavaleiro armado andante, e dormir na capela, permitindo que salteadores se apoderem da lança e armadura.

Uma mistura curiosa, permita-se a expressão, da subcultura hippie e da cultura de subúrbio, está ocorrendo no que se chama subcultura dos "câmpus" universitários. Creio que isto acontece em todos os lugares e não somente nas universidades dos países ricos. Também nesta subcultura consomem-se drogas, mudaram-se os padrões da conduta sexual e de algumas outras instituições, entre elas o folclore com as canções e a moda de protesto, mas talvez devido à dominância de identificações sólidas e estáveis com os pais, que se expressam nas áreas intelectuais e estéticas, muitos dos indivíduos dos câmpus universitários integram-se, definitivamente, nas correntes da polaridade conser-vadora-liberal. Seguramente, se paga um alto preço em infelicidade e patologia mental potencial de muitos, por aquela minoria de seus integrantes, que se dirigem à elite de seus grupos, como em qualquer conglomerado humano. Dos núcleos conservadores talvez saiam os tecnocratas frios e calculadores, que não vacilarão em eliminar milhões de seus congêneres a quem não consideram de sua própria espécie. Dos núcleos, liberais, talvez saiam os líderes tecnocratas neo-humanistas que conduzam as massas a um novo renascimento e a uma nova civilização. Não devemos duvidar que, desde os primórdios, nas universidades, a humanidade ensaiou as diversas rotas históricas das identifica-ção da polaridade conservadora-liberal.

Parece-me que nesta subcultura do câmpus universitário os núcleos de identificação intelectual, reunidos às possibilidades estéticas, desenvolvem-se extraoficialmente, e nos recantos e claus-tros das universidades e politécnicas, neutralizando os elementos "orais" da adição a drogas e ainda

do autismo e simbiose, resultando em muitos dos novos líderes sociais. Creio que devemos adicionar à nossa lista do assunto esta combinação de identificações intelectuais estéticas e regressivo-progressivas das comunidades da cultura e para a qual não encontro uma definição explicativa ou um nome.

Em diversas assessorias a dependências governamentais e nos seminários universitários antes citados, tive a oportunidade de tomar contato direto com a subcultura do vício, especialmente os processos da prostituição e da corrupção ou suborno. A este último, no México, dá-se o nome muito explicativo de "mordida". Destas atividades creio que tirei muitos ensinamentos sobre os fenômenos sociais, pois quando da minha cadeira de analista falava de temas sociais sem ser um observador participante, sentia que tinha idéias muito parciais. A força de uma variável econômica, ou de um costume, pode ser tal que incida nos núcleos de identificações orais de um grupo humano, mas isto não é suficiente para explicar o fenômeno. Isto nos faz pensar nos fatores que lhe dão início e os mantêm vigentes. Por isso, para mim, o conceito das séries complementares parece muito operante.

Prosseguindo, descreverei algumas características da cultura urbana no México, que não creio seja muito diferente das de outras culturas urbanas da América Latina, uma vez que os fatores originais e atuais, que a mantêm, não são muito diferentes. O denominador comum, de nossa origem ibérica e nosso subdesenvolvimento, o desenvolvimentismo, é semelhante no fundamental. As variantes nacionais e locais devem ser muito interessantes e, seguramente, encontraremos níveis diferenciais. Em todo caso, explicarei depois, algo relacionado com o fenômeno do nacionalismo e as identificações nele involucradas. Aqui farei apenas algumas reflexões de caráter geral, já que não me sinto com possibilidade

de fazer um estudo sistemático das identificações de nossa cultura urbana. Em primeiro lugar, chama minha atenção, a pressa, a obsolência das coisas, a tensão em que se vive nas grandes cidades. O anonimato e a violência induzem-nos a defesas crônicas para com estes dois perigos, um que põe em dúvida a nossa segurança de status e nossa identidade, uma vez que temos que estar dizendo aos outros e a nós mesmos, que existimos e somos alguém. A violência potencial, contra nossas pessoas e nossas propriedades, mais acentuada, se temos muitas e valiosas, ameaça nosso Self e as suas extensões mágicas nas coisas. A luta pelo prestígio, pelo posto, pelo grau, em última instância, pelos degraus de um status inseguro, mutável e vulnerável, parece ter relegado o interesse do cidadão moderno em relação a outros elementos da vida cotidiana menos agitada e mentirosa. Não creio que esta falsidade e vazio, do sentido profundo da vida nas grandes cidades, se observe somente nos estratos de maior idade, ou nos burocratas que têm um encaixe enquadrado de suas vidas, mas também se encontra nos jovens e até em crianças. Não duvido que tudo isto descreva os males da sociedade de consumo, novamente, a "oralidade" está no foco da atenção. Se se carrega interiormente a imagem de uma mãe distante, ansiosa, "coisificante" e é difícil entabular com ela uma mutualidade tranqüila, e a imagem de um pai ambicioso enganador, que usa a linguagem de duas ou três maneiras diferentes, que faz o que não diz e recomenda aquilo em que não crê, o homem ou a mulher, de nossas grandes cidades, não se sente um integrante generoso de uma esplêndida espécie animal, que está sendo desperdiçada pelo próprio homem. Cada um é inimigo do outro e a responsabilidade para com o vizinho termina nos mais mesquinhos interesses pessoais. Isto configura muito o quadro das carências orais, entretanto não me atrevera a fazer o diagnóstico de uma cultura oral frustrante, pois conceituo a ambição como algo mais que somente oralidade, incluindo

reíenti-vidade e capacidade fálica para possuir e dominar a outro com vantagem. Há também inegáveis características, que isoladamente não duvidaríamos em qualificar de sócio-psicopáticas. Fazer um diagnóstico da cultura ocidental urbana de nosso tempo é tentador, e alguns sociólogos o tentaram, mas aqui cabe mais dar ênfase à persistência de identificações múltiplas, contraditórias e parciais, pela necessidade mesma dos processos adaptati-vos desta cultura urbana da sociedade de consumo. Em cada etapa do desenvolvimento devem reforçar-se, ao invés de neutralizar-se, os componentes deste produto atormentado que existe na base do cidadão moderno. Se a isto se juntam as tensões do subdesenvolvimento, o¹ quadro é ainda mais alarmante.

Apenas como exemplo do fator tempo e anonimato na vida citadina — numa investigação psicossocial sobre o suborno, ou "mordida", em infrações de trânsito, descobrimos que uma alta porcentagem da população investigada, representativa de diversos setores e status da Cidade do México, tenha uma alta potencialidade para subornar, ou ser subornada, como manifestação de uma cisão adaptativa do Superego; complementarmente, quando o infrator tinha tempo de dialogar com o policial ou de conversar, a capacidade egóica para controlar esta cisão adaptativa era muito maior. Nada faço senão reforçar com este exemplo condensado, que o fator tempo, a pressa da grande cidade, é um dos determinantes deste tipo de atitudes, que não acredito sejam privativas do México. Muitas atitudes do adulto que se institucionalizam, vão ensinando à criança a vantagem de condutas cindidas, com as quais termina se identificando.

Outro traço importante é o do questionamento inespecífico, por pose ou como atitude neurótica de autoafirmação. Se a esta conduta se adiciona

aquela de uma falta de respeito pela autoridade, embora esta autoridade seja racional e necessária, configura-se algo que se assemelha ao velho anarquismo utópico. A meta do questionamento autocrítico, deverá ser a da organização ulterior, senão o questionamento somente dilui as identidades de grupo e alimenta em seus membros menores as identificações parciais e mutáveis, que fecham assim o círculo da dúvida e da insegurança sobre o significado da própria existência. Quando existe tal desconfiança e cisão de uns indivíduos em relação a outros, não se usa a transmissão da herança cultural direta de pais a filhos, de professores a alunos, de experientes a novatos, e se tende a um contínuo redescobrimto, com um uso impessoal e indiscriminado dos meios maciços de comunicação. O diálogo "horizontal" é difícil ou não existe, porque se corre o perigo de cair em pseudo-diálogo. O medo da possível "verticalidade" opressora, reforça o desejo por um "questionamento", que se sente mais como um direito inapelável, do que como uma ferramenta da lógica das relações humanas.

Apesar de tudo, a espécie humana se defende criando novos e fascinantes meios de evasão. Mas, para poder empregá-los como equilíbrio necessário das tensões da vida da grande cidade, se requer uma capacidade cada vez maior para a negação, desta forma distanciando-se das fontes da angústia e escapando temporariamente. Como nem sempre pode se efetuar, com êxito, esta cisão a serviço do Ego, translada-se freqüentemente, por meio da evasão, a angústia da qual se pretendia escapar. Parece que a vida moderna exige um tipo especial de negação efetiva, que esconda os furos de nossos limites. Talvez, nossas identificações devam estar frouxas em suas conexões no sentido de utilizarmos nossos centros de comando, conforme as necessidades da vida diária, devidamente, hierarquizadas.

O desenvolvimento e interesse pelas manifestações culturais, em geral,

deixam um ganho estético para a função sintetizadora do Ego, o que aumenta a possibilidade da regulação das tensões. Os "hippenings" têm muita desta função sintetizadora coletiva, ainda aqueles que nos parecem grotescos, pois, por contraste, nos permitem adotar ou reafirmar uma atitude. Muitos impulsos de voracidade, ambição e competição, canalizam-se nos esportes ainda como espectadores dos grandes acontecimentos. As identificações das crianças com os pais desportistas, seguramente, estão na lista das identificações a serviço de Eros. As esplêndidas evasões dos esportes e dos passatempos, também podem aumentar o colecionismo da sociedade de consumo. Quanto ao humor, além da grande dose de mau gênio de pedestres e automobilistas, o chiste político é uma, válvula de escape. Como exemplo da desrepressão coletiva, um chiste cor de rosa, fino e inocente, tem em alguns momentos mais êxito que um pornográfico, porque o instintivo pregenital direto está na ordem do dia. Seria interminável falar de muitas outras características da cultura urbana e muito mais, já que não tive a facilidade da sistematização. Quando construo a, imagem de um indivíduo do nosso tempo, o vejo como partes, isto é, identificações parciais, aglutinadas e recobertas pela angústia. Este conglomerado, parece ter se formado como uma emergência. Ocorre-me que a organização dos limites de descarga e do aparelho protetor de estímulo tem muito daquilo que conhecíamos como formação traumática. Este tipo de organização traumática do Ego da criança e do homem moderno, lhe dá, talvez, essas características esquizóides, formais, de "como s\$", sociopáticas, tristes, mas também aventureiras, audazes e inquietas. Este tipo de organização egóica, com as identificações correspondentes, necessita da tensão e ação permanente, ou da fuga e evasões súbitas, como tipo traumático, com um constante "atuar" e uma desrepressão sistematizada. A

expectativa de uma época mais tranqüila, talvez, como a do anticlímax do Renascimento, parece-me patente, pois, naquela época os umbrais e o aparelho profético de estímulos organizaram-se noutra tempo. O interesse crescente pela música barroca, com Bach à cabeceira com o perfeccionismo simples da matemática quadrada de um jogo de cirandas, em perpétua fuga e constante reencontro, parece-me demonstrativos do anseio por um mundo mais compassado, que organize os Egos de nossas crianças, sem tanta emergência. Todas estas características sugerem as de uma cultura em profunda crise, sem mudanças bem definidas, em trânsito para um destino ainda incerto. Embora muitos saibam que não nos é cabível viver essa nova civilização, nossa angústia existencial pode ser incrementada pela incerteza do destino, e porque duvidamos que estejamos participando construtivamente de sua criação. A esperança de um mundo em transformação são as diversas manifestações do Eros autêntico, que em ocasiões se esconde ou mascara, mas, que está sempre presente nas posturas e sentimentos estéticos e liberais.

Não poderia terminar este ensaio, um tanto disperso, sem algumas reflexões sobre as identificações compreendidas no nacionalismo. Creio que isto se justifica porque pertencemos a um terceiro mundo em desenvolvimento cuja cultura tem diferenças significativas em relação às culturas dos países mais ricos. Além disso, porque o nacionalismo foi um fenômeno importante em minha própria evolução e identidade profissional. Quando emigrei para Buenos Aires, com minha família, para a formação psicanalítica, deixei um status, que me integrava. Havia uma grande distância entre a vida de um médico-cirurgião rural de um povoado primitivo tropical do México, com as vicissitudes dolorosas e pitorescas de um candidato em formação em uma grande capital sul-americana, que ensaiava importantes mudanças sociais. A

comunidade analítica abriu generosamente os braços a todos os mexicanos. O luto da pátria, a mudança obrigatória de status e a saudade da família distante mitigaram-se muito com essa generosidade. Ajudava também a esperança do retorno, com uma nova tecnologia. Os novos valores ofereceram-se, a nós, como testações para novas identificações, processo que era favorecido pela regressão do tratamento. Terminada a formação, novamente tive de fazer outro luto por novas amizades e um novo status. No meu regresso ao México, curiosamente o primeiro sinal de um novo nacionalismo, que estava a ponto de fazer em meu tratamento e que me reconciliou com meus objetos internos, foi o interesse pelas peças arqueológicas. Eram as raízes do que eu começava a ser um meu In-grupo cultural, aliadas à experiência do estrangeiro bom, já assimilado. Um "semblante sorridente" — Totonaca, o perfil solitário de um Cavalheiro Aguila Tenochca, a serena majestade de um sacerdote maia de Jaina, as filigranas platerescas e barrocas de um altar ou de um pórtico, diziam-me mais do que um tratado de história. Sensibilizaram-me para sentir os afrescos que descrevem a Revolução Mexicana. Mas tudo isto não me atingia, até que senti as pessoas e as ruas e o folclore. Assim, senti-me integrado na Universidade, dizendo a mim mesmo e a meus alunos, hiperbóli-camente, uma amarga verdade nacional. A última convulsão social, ou guerra estrangeira do México, em que não houve qualquer forma de intervenção dos Estados Unidos da América do Norte, foi a tomada de Tenochütlan pelas hostes de Cortês em 1520. O México é a fronteira da América Latina: ser vizinho do gigante do norte estimula um forte nacionalismo territorial, transmitido de pais a filhos por milhões de mexicanos, como identificações protetoras da identidade nacional. Somos tão nacionalistas, na mesma medida em que somos colônia comercial. O fenômeno de interpenetração cultural é

transcendente entre nós, porque é vivido desde que somos crianças. Mas, infelizmente, as mesmas identificações nacionalistas que nos oferecem alguma coerência, em outras áreas, tornam-se barreiras para que esta interpenetração cultural ajude fluidamente à mudança social. Nosso ressentimento histórico está latente em múltiplas maneiras. O modelo do próprio explorador mexicano é o empresário norte-americano. Conversar com um "chicano" é o melhor seminário sobre as pseudo-subespécies culturais. Mas, inexoravelmente, a fronteira divisória do norte foi sendo internalizada nas diferenças de status.

As diferenças sócio-econômicas, diferenças de status, alteram nos membros dos grupos a polaridade conservadora-liberal de suas identificações. Se é maior a possibilidade "liberal", inclui-se necessariamente a forma mais elevada de amor altruísta, o diálogo, o aprendizado e a transação humanista são mais exequíveis, e isto é o desejado. As pseudo-sub-espécies, ou seja, as organizações de grupos humanos por afinidades culturais, étnicas, sócio-econômicas e políticas, são estruturas plásticas, permeáveis e operantes para um maior número de homens e mulheres, todos, sim, todos, integrantes da espécie humana. Sob esta condição, a agressividade pode ser ritualizada, pois os grupos são apesar disso, pseudo-sub-espécies, onde aquele que tem a arma, pode reconhecer, todavia, no outro um igual e pode deter a tempo o dedo no gatilho.

É um fato, que os sociólogos escrevem, que os sentimentos nacionalistas estão aumentando nos países subdesenvolvidos, como uma das reações pela dolorosa tomada de consciência de sua condição de explorados, de vítimas de predadores implacáveis. É um fato a recolocação das "fronteiras", que já não são "topo" geográficos, e sim, "topo-psicológicos", sendo o limite o próprio centro de nosso conflito individual "conservador-

liberal". Dou ênfase a isto, porque os pais, professores, psicanalistas e líderes em geral, com nossas alternâncias conservadoras e liberais não nos damos conta de que induzimos identificações que ajudam a elevar a espiral humana da espécie, até posturas liberais, ou a detêm, ou ainda a retardam até posturas conservadoras. Qualquer "estrangeiro" a meu país, ou a meu in-grupo, que me entende nesta atitude básica liberal, embora não possamos chegar aos mesmos fins próximos, não pode ser sentido mais como estranho, ou como inimigo potencial. É então que o nacionalismo permanece como uma característica de uma pseudo-sub-espécie, no sentido acima definido.

A última aventura teórica deste ensaio: acredito que a tecnologia tem avançado tanto, porque o primeiro homem se criou e descobriu a si mesmo como um sistema simbólico aberto. Sem dúvida também, as pressões pela sobrevivência, desde o princípio, levaram-no a fechar este sistema, iniciando-se a dualidade conservadora liberal. Então, se levantaram as barreiras de grupo que contêm as pseudo-sub-espécies e desde então, em ocasiões especiais de fome, o homem tornou-se o lobo e predador de outros homens. Como a tecnologia tremenda e giganteca ganhou-lhe tempo à possibilidade de mudanças físicas na espécie, este mesmo incremento tecnológico converteu mais e mais uns grupos humanos em inimigos irreconciliáveis de outros. Isto a tal grau, que a conduta de domínio já é igual a uma luta entre espécies diferentes; uma luta predatória, fatídica e terrível, onde as armadilhas das presas consomem quase todos os recursos da vida. Caberia, somente, perguntar-lhes se em nosso mundo, em nossas sociedades analíticas, em nossas famílias e em nossos in-grupos, estamos favorecendo a formação de identificações, que se integram em identidades do Ego, cada vez mais liberais e neo-humanistas. Se assim for, o destino e a existência serão mais agradáveis e poderemos sorrir.

Dr. José Remus Araico
Paseo del Río # 111, Casa 20
Fortín Chimalistac
Coyoacán 04319
México, D. F.
Tels. y Fax 56-61-07-67 y 56-61-36-50